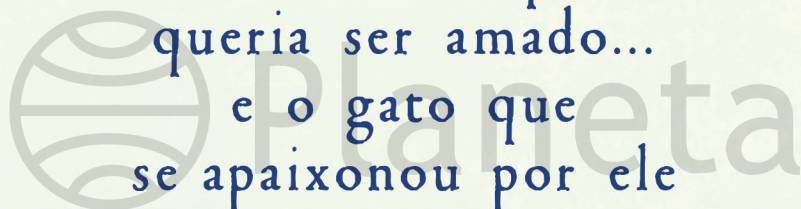


THOMAS LEONCINI

O homem que
queria ser amado...
e o gato que
se apaixonou por ele



“Um mergulho encantador na fantasia, um livro fascinante e de que gostei muito.”

Papa Francisco



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

THOMAS LEONCINI

O homem que
queria ser amado...
e o gato que
se apaixonou por ele

Tradução
Flavia Baggio



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Thomas Leoncini, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Copyright da tradução © Flavia Baggio, 2024
Todos os direitos reservados.

Título original: *L'uomo che voleva essere amato e il gatto che si innamorò di lui*

PREPARAÇÃO: Laura Vecchioli
REVISÃO: Elisa Martins e Barbara Parente
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial
DIREÇÃO DE ARTE: Francesco Marangon
CAPA ORIGINAL: Claudia Puglisi
ADAPTAÇÃO DE CAPA: Renata Spolidoro
IMAGEM DE CAPA: Shutterstock

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Leoncini, Thomas

O homem que queria ser amado... e o gato que se apaixonou por ele
/ Thomas Leoncini ; tradução de Flavia Baggio. - São Paulo : Planeta
do Brasil, 2024.
208 p.

ISBN 978-85-422-2606-5

Título original: *L'uomo che voleva essere amato e il gatto che si
innamorò di lui*

1. Ficção italiana I. Título II. Baggio, Flavia

24-0141

CDD 853

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção italiana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar - Consolação
São Paulo - SP - 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

I ERA UM DIA DIFERENTE DE TODOS OS OUTROS, percebi isso assim que toquei a chave do carro. A neblina me acariciava e me dava a sensação de que estava me observando, etérea, enquanto minúsculas gotas umedeciam meu paletó. Não havia uma razão precisa para que aquele dia me parecesse diferente, era apenas uma sensação, daquelas que, quanto mais pensamos a respeito, mais tentamos racionalizar e mais distantes ficamos da lógica.

Eu me lembrava apenas de ter sonhado de maneira mais “profunda” que de costume, tão imerso na atmosfera onírica que senti que não precisava mais acordar. Era como se a vida pudesse renunciar àquelas relações externas que, até ontem, me pareciam indispensáveis inclusive para decidir qual paletó ou terno usar para parecer mais confiante na hora de fechar um negócio ou para aumentar minhas chances de seduzir alguém.

Naquele dia, eu queria a todo custo concluir a venda que me havia tirado o sono por tantos meses e que finalmente poderia fechar. Se conseguisse, com certeza eu ficaria; com aquele dinheiro a mais, minha vida tomaria um rumo diferente, a estrada do futuro se tornaria mais nítida, mais fácil, mais relaxante.

E isso sobretudo porque poderia finalmente comprar aquela cobertura no centro que me fazia perder a cabeça, com vista para a cidade: poderia observar as pessoas caminhando como pequenas formigas disciplinadas, apressando-se pelas ruas do centro para disputar pequenos espaços no shopping; eu poderia olhar o horizonte com a atitude irreverente de um rei, alguém que vê do alto aquilo que os outros, orgulhosos de seu poder de consumo, podem ver somente de baixo. E poderia receber pessoas no terraço, organizar jantares com velhos amigos e com aqueles que viria a conhecer frequentando lugares cada vez mais caros, mais luxuosos e mais exclusivos.

Eu tinha certeza: tudo teria sido mais simples e mais sereno.

Sempre achei que minha vingança contra a vida viria do dinheiro, do sucesso e do poder, tudo aquilo que na infância e na adolescência conheci apenas como falta. Aprendi muito cedo que a ausência é uma presença muito forte: se você sabe que algo poderia existir em sua vida, se sabe que os outros têm mais chances de serem felizes, então, de alguma forma, você acaba materializando uma ausência na sua cabeça. Assim que percebe isso, começa involuntariamente a *vivenciar* essa ausência, e nesse cenário há dois caminhos: conformar-se com sua situação e aceitá-la, ou partir para a briga e começar a lutar para ser alguém.

Lembro-me do momento exato em que escolhi o segundo caminho. Eu tinha doze anos, minha mãe chorava por ter sido demitida de mais uma loja em crise, mais uma que teve que reduzir o quadro de

funcionários. Não foi uma novidade para mim ver minha mãe chorar nem saber que ela ficaria desempregada. A novidade foi a sensação que experimentei: por algum motivo estranho, daquela vez entendi que estava sozinho. Não sei se era porque minhas esperanças de entrar em um colégio particular se esvaíam ou porque estava me tornando um homem, mas, a partir daquele momento, algo mudou.

Eu não era mais filho, filho de um pai que nunca conheci e de uma mãe presente e atenciosa, mas frágil e insegura demais para não ser dilacerada por uma sociedade faminta por dinheiro.

A partir daquele momento, eu era simplesmente Christian. E já não estava mais “com o mundo”, mas “no mundo”. Tudo poderia ser escrito, mas nenhuma corda imaginária me salvaria dos meus saltos no vazio. O risco do vazio simbolizava para mim essa nova vida que me aguardava, que poderia tanto me despedaçar quanto significar minha salvação, meu caminho para o sucesso.

Muitos acham que o sucesso é como uma pirâmide, em que se sobe na direção de um pico ideal, o qual todos podem ver, mas que poucos podem alcançar. O sucesso, ao contrário, é uma corrente, não se estende em altura, mas em comprimento; os anéis mais frágeis estão no início, depois as ligações se tornam cada vez mais fortes, inoxidáveis, mas os alicerces de onde partem, aqueles de que facilmente nos esquecemos porque estão escondidos, são os que sustentam a estrutura toda. É por isso que tudo pode desabar justamente quando parecemos realizados e a lógica nos diz que seria impossível voltar atrás.

Naquele dia, ao sair de casa, encontrei meu Porsche no lugar de costume. Aquele carro era para mim um símbolo, a ser polido e cuidado com amor. Eu falava muitas vezes com ele e, naquela manhã, fantasiei sobre como ele estaria ansioso para me acompanhar naquele encontro que havia tanto tempo eu imaginava.

A maior curiosidade que eu tinha era em relação ao Sr. Carter.

Ouvi sua voz ao telefone muitas vezes, mas nunca consegui imaginar realmente o tipo que se escondia por trás daquele tom tranquilo e seguro. Não havia rastro dele nas redes sociais; alguns artigos de jornais locais, ainda disponíveis on-line, o citavam como um benfeitor da comunidade, mas não havia nenhuma imagem do filantropo milionário. Quem me falou dele foi um conhecido que entendia muito de negócios, um daqueles que troca de iate a cada cinco anos porque enjoa da cor e que em um ano está morando em Malibu e, no outro, no Caribe, um desses que você encontra por acaso em uma festa, perde de vista por um tempo e depois o encontra ainda mais jovem do outro lado do mundo.

Eu sabia que tinha encontrado um texano especialista em negócios, um tubarão capaz de destroçar qualquer presa até os ossos apenas para economizar alguns centavos. É assim que funciona: quanto mais milhões essas pessoas têm, mais mesquinhas elas se tornam. Mas eu ainda não via essas atitudes como negativas, pelo contrário, elas me pareciam completamente normais. Assim é que tinha que ser, e, quanto mais ambicioso o Sr. Carter fosse, mais eu me sentiria na hora e no lugar certos.

Os negócios para mim não eram apenas necessidade, eram sobretudo um jogo de equilíbrio, uma partida de xadrez que eu tinha que vencer a todo custo.

Eu imaginava o Sr. Carter confiante e pronto para desvalorizar a casa que eu estava vendendo, e que considerava minha, só para conseguir um preço melhor, depois deixá-la mais luxuosa, revendê-la e investir o dinheiro em ações. Eu tinha que usar a minha lábia da melhor forma possível, não tinha dúvidas disso.

Eram quase oito e meia, o horário marcado. Finalmente cheguei em frente ao bar em que tomaria café da manhã com aquele homem.

O céu da manhã pintou todas as suas cores em minhas pupilas e atraía minha atenção como o ímã faz com o ferro, levando-me a perceber pela primeira vez quão imenso era seu azul. Por um lado, aquilo me intrigava e me fazia bem, era como se sentisse que o céu estava ali para me encorajar. Por outro, me irritava, porque aquelas sensações estavam me distraíndo, enquanto eu deveria estar o mais concentrado possível. Eu sabia que uma grande piada de mau gosto do destino poderia estar à minha espreita, capaz de me fazer perder tudo o que acumulei em uma vida inteira, de uma hora para outra. Certamente não poderia dizer ao Sr. Carter que as cores do céu estavam vibrantes naquele dia, ele pensaria que eu era louco, um pobre coitado da sociedade. Quem ainda olha para o céu? Estamos acostumados a ver o céu, não a olhar para ele, queremos apenas saber se devemos esperar um dia claro ou chuvoso.

Naquele dia, porém, captei todas as nuances de suas cores, que me pareciam tão vivas, brilhantes, cheias de

força e de energia. Fiquei satisfeito com aqueles tons, que faziam a minha pele brilhar, e sentia que, de uma maneira até difícil de racionalizar, eles faziam brilhar também o meu talento de convencer outra pessoa.

Sorri vendo uma nuvem se desmanchar ao perseguir o sol e fiquei observando aquela enorme bola de fogo paciente. Apesar de tudo, todas as manhãs ela tinha uma vontade destemida de iluminar quem a desejasse.

Sentia-me estranho, admito.

Eu sabia que aquele era um dia muito importante para mim, mas ao mesmo tempo não conseguia desviar minha atenção daquela vista. Um espetáculo que poderia ter admirado muitas outras vezes, de qualquer janela do mundo, bastando simplesmente estar disposto a isso.

De repente, senti uma mão em meu ombro. Meu coração disparou, virei-me abruptamente e vi um senhor alto e robusto, com um chapéu estilo cowboy na cabeça.

— Olá! — exclamou ele, com um forte sotaque americano. — Aposto que o senhor é o Christian!

Aquele fio de voz que me escapou bastou para que ele entendesse que sua aposta estava certa.

— Prazer, sou James Carter. Peço mil desculpas pelo atraso, meu carro decidiu fazer birra justo hoje. A pouco menos de cinco quilômetros daqui, o motor morreu e não quis voltar por mais de meia hora.

Havia algo que não fazia sentido em suas palavras. Por que se desculpava pelo atraso? Eram oito e meia em ponto.

Verifiquei o relógio. Aquele relógio que jurei a mim mesmo nunca mais tirar, um presente de minha mãe, de grande valor sentimental. Ela me deu quando eu tinha

dezesseis anos, dizendo que era o preferido de meu pai, um homem que nunca conheci, que havia ido para a guerra quando ainda sonhava com uma vida normal, e os meus olhos nunca puderam encontrar os dele, apenas pelas fotografias.

O relógio marcava nove e quinze.

Como era possível? Lembrava-me perfeitamente de ter estacionado o carro às oito e vinte e sete.

Era provável que meu rosto tivesse uma coloração estranha, porque o texano me olhou, perguntando:

— Você está bem?

— Sim, me desculpe, está tudo bem. É que não descansei muito bem e ainda estou um pouco sonolento — justifiquei-me, pensando logo na péssima impressão que tinha acabado de passar, agravada com essa frase absolutamente fora de lugar, como se tivesse sido um incômodo para mim encontrá-lo, depois de uma noite maldormida e uma manhã supostamente passada a xingá-lo por ter feito eu levantar tão cedo.

A resposta do Sr. Carter foi imediata:

— Não se preocupe, não há nada melhor que um bom café para acordar. Força, vamos!

Ele dirigiu-se ao bar, onde pediu dois cappuccinos. Eu me convenci de que o que quer que tivesse se apoderado de mim minutos antes agora precisava desaparecer completamente. Naquele momento, eu dependia da melhor parte de mim, e ela tinha que se manifestar o mais rápido possível.

Aquele encontro era importante demais.

O Sr. Carter parecia completamente à vontade. Eu teria reconhecido aquele sotaque a quilômetros de

distância, ele tinha um tom de voz muito alto, apesar de falar com calma.

Ele me entreteve descrevendo suas ambições, suas exigências e suas impressões do mundo.

O que mais me atraiu nele foi a autenticidade ao se expressar. Ele disse tudo o que pensava, sem se esconder atrás de um véu artificial, como se tivesse aberto o baú de sua psique; em poucos minutos mostrou a si mesmo sem nenhum medo. Falamos também sobre sua família: ele me contou que tinha cinco filhos e uma esposa que amava muito e com quem era casado havia quarenta anos.

De repente, o Sr. Carter tirou o chapéu, sacudiu os fartos cabelos brancos e, pondo a mão em meu braço, confidenciou-me:

— Meu amigo, não foi por acaso que eu sonhava desde criança que tinha cinco filhos, uma casa esplêndida no campo, cheia de animais e flores de todos os tipos. O meu subconsciente se permitia imaginar tudo isso simplesmente porque sabia que um dia minha vida seria assim.

Essa sua certeza me deixou perplexo.

— Você acredita que existe um destino, um propósito ou um fio condutor que nos acompanha por toda a vida? — perguntei, sem conseguir esconder uma ironia sutil.

— Claro — respondeu ele. — A vida nos coloca diante de situações, boas e ruins, para nos fazer encontrar justamente o que precisamos, para estimular em nós a reação certa, porque é daquilo que necessitamos, naquele exato momento. — Ele parou alguns segundos e depois continuou: — Digamos que... muitas pessoas não

conseguem captar essa mensagem e se perdem na insatisfação, na tristeza, no tédio e na vitimização.

Aquela resposta, porém, não me convenceu.

De fato, seu raciocínio tinha certo apelo, mas me pareceu banal, superficial. Interpretei como uma estratégia pessoal, certamente respeitável, mas nada mais que uma mera forma de acreditar em alguma coisa nessa nossa existência que se apresenta como incerta, uma vida em que tudo é possível, mas em que nada nos traz certeza dos resultados.

Decidi mudar de assunto para não me distrair dos meus objetivos, mas o Sr. Carter me fitou duramente nos olhos e disse, quase em tom acusatório:

— Infelizmente muitas pessoas se dão conta tarde demais de ter recebido mensagens enviadas pela vida, mensagens que deveriam ter encontrado há muito tempo. Essas mensagens são espelhos, refletem a nós mesmos, e, se as percebemos, podemos nos reconhecer nelas. Assim, não precisamos mais nos identificar com os outros, porque somos livres para acolher a nós mesmos em nossa imensa completude. Fique tranquilo, Christian, fique tranquilo. Vai chegar o dia em que você vai entender que nosso encontro não foi casual, e que vim até aqui para transmitir uma mensagem a você, e você outra a mim.

Eu tinha a impressão de que meu cliente, já que esse era o papel dele ali, estava me roubando a cena; era eu quem deveria falar por uma hora e meia e fazê-lo entender por que deveria comprar a casa que eu estava oferecendo. Eu não tinha conseguido sequer começar a gastar aquelas belas frases retóricas e sensacionalistas que

usamos para convencer as pessoas a comprarem nosso produto.

De fato, na noite anterior eu me sentia tão confiante, achava que seria capaz de falar por horas, preparei inúmeros discursos e dezenas de papéis para mostrar ao Sr. Carter, mas naquele dia não consegui nem abrir minha pasta.

Mas isso não parecia ser um problema para meu interlocutor; aliás, ele se mostrava disposto a falar de tudo, menos daquela casa. Eu estava quase pensando que ele era um louco e que eu estava simplesmente perdendo meu tempo. Uma manhã jogada fora, que com certeza me deixaria frustrado por muitos dias, semanas, talvez meses.

A aposta era alta e eu sentia que estava perdendo tempo. Estava prestes a desistir.

— Eu sei perfeitamente, Sr. Christian, o que você está pensando! — disse o Sr. Carter depois de limpar a garganta. — Acha que sou louco, um homem que só quer bater papo e desperdiçar o tempo de uma pessoa como você, cheia de planos e projetos relacionados a este nosso encontro. Não é isso?

Não tive forças para responder e só balancei a cabeça, o que honestamente não acredito que teve qualquer sentido prático.

— Olha só! Aquilo que falei antes ainda serve — continuou o texano. — Você ainda não entendeu que essa casa foi um simples pretexto do destino para que nos encontrássemos, porque tínhamos mensagens para transmitir um ao outro. Vamos, me dê o contrato.

Permaneci imóvel, olhando para um canto fixo daquele bar, acreditando piamente que aquilo era uma

brincadeira de mau gosto, absolutamente imprópria para a situação.

Eu estava convencido de que ele não compreendia a importância daquele dia para mim e tinha certeza de que aquele homem, que de repente se transformou em um péssimo exemplo de um falastrão, em busca de vítimas para seu papo-furado, estava só tirando sarro de mim.

Queria ver até onde ele iria chegar, até onde iria seu showzinho solo e moralista, em busca de alguém inseguro que ele pudesse domesticar: agarrei a pasta, que se abriu com um estalo, vasculhei as primeiras folhas e as várias fotografias, peguei o contrato e coloquei-o sobre a mesa, virando-o em sua direção.

O Sr. Carter tirou uma caneta do bolso e, em menos de um segundo, sem sequer ler o texto, assinou. Com um gesto brusco, tirou um cheque administrativo do bolso do paletó e entregou-o a mim.

— Esse valor está bom? Já coloquei em seu nome.

Fiquei perplexo. O valor era quase o dobro da minha meta de venda.

Tive vontade de chorar e rir ao mesmo tempo. Sentia uma pedra no peito, que brincava com minhas emoções e balançava minha respiração como se fosse um ioiô.

Aquilo era inacreditável. Por que ele assinou sem sequer discutir o acordo por alguns minutos?

Olhando fixamente nos meus olhos, o texano me disse:

— Está feliz agora? Acredita que conseguiu o que queria?

Minha resposta foi instantânea:

— Mas nem sequer conversamos. Você não quis saber nada em particular, nem quis entrar na casa para ver as condições do imóvel...

— Digamos que eu já sabia o suficiente para estar plenamente decidido sobre o que fazer. O nosso encontro foi desnecessário para efeitos da venda da casa, mas me ajudou a perceber outras coisas muito mais importantes, fez parte do meu percurso pessoal — confessou.

Minha expressão tornou-se mais tranquila, e suspirei para tentar relaxar.

— Agradeço infinitamente pela confiança. Não se preocupe, porque não vai se arrepender. Vai ficar satisfeito.

Mas o cliente não parecia preocupado com isso.

— Tenho certeza. Gostaria apenas de reforçar: apesar desse cheque generoso, em algum momento você vai entender que as coisas belas da vida estão em outro lugar, não no excesso de dinheiro, mas naquilo em que o homem não colocou as mãos e que todos podem admirar e usar como espelho. O motivo pelo qual vivemos não é o mundo que o ser humano construiu, mas aquele que foi criado antes que ele chegasse.

Fez uma pausa e prosseguiu:

— Desejo que seja feliz, Sr. Christian, mas, para que isso aconteça, lembre-se de que não deve pensar que será graças ao meu dinheiro. Caso contrário, sua felicidade será como uma estrela cadente: assim que você aperceber essa felicidade na sua frente, ela já terá desaparecido no profundo escuro da noite. E você guardará essa felicidade

apenas como uma lembrança, pensando que foi feliz ao vislumbrar essa estrela luminosa, desejando que ela se movesse para enfim fazer um pedido. Mas esse desejo seria expresso apenas uma vez, e então desapareceria. A felicidade se encontra exclusivamente no presente, em saber apreciar esse presente *vivo*. O passado é um presente que já se foi, o futuro é um presente que apenas imaginamos, completamente modificável até por um leve sopro de vento. — E insistiu: — O presente vivo, Sr. Christian, siga o presente vivo.

— Como pode acreditar nessas coisas? Justo você, que me parece tão apegado ao dinheiro...

— Como você avalia as coisas deste mundo, Sr. Christian?

— Bem, enfim... Olhe ao redor. Quem diria algo parecido entre as pessoas que estão sentadas aqui perto de nós?

— Você me fala das pessoas desta época, não deste mundo. O mundo permanece, o tempo desaparece. As pessoas desta época foram adestradas a se esquecerem de si mesmas e, em nome do progresso, pensam que são felizes. Tem certeza, Sr. Christian, que quer se conformar com pessoas desse tipo?

Olhei para ele, perplexo.

— Eu também faço parte dessas pessoas. Se quero viver, preciso me adaptar...

— Na verdade, você me fala de adaptação, mas, se essa fosse a sua essência, não precisaria se adaptar. Não se adapta nunca à essência. Pode-se apenas vivê-la, não precisamos sequer pensar a respeito, só viver e pronto.